

ENREDO:

“PAI CIPRIANO DAS ALMAS, PAI ONOFRE DO CRUZEIRO E PAI XANGOZINHO DAS ALMAS – O ALENTO DO POVO, A LUZ DA ESPERANÇA.”

Da imensidão da África ancestral nasce um chamado.
Chamado de terra.
Chamado de tambor.
Chamado de fé.

Terra de raiz profunda.
De baobá antigo.
De palavra que ensina.
De ancião que guia o caminho.

Ali caminham três espíritos.
Três guardiões do destino.
Três velhos de alma grande.

Pai Cipriano das Almas.
Pai Onofre do Cruzeiro das Almas.
Pai Xangozinho das Almas.

Mas o tempo se quebra.
O mundo se rasga.
O ferro fala alto.
A corrente cala a canção.

Corpos arrancados.
Raízes cortadas.
A terra distante.
A dor atravessada.

Começa a travessia.

No ventre do tumbeiro, a noite é comprida.
O pranto vira reza.
O silêncio vira guia.

O mar escuta.
O mar guarda.
O mar leva e traz.

Água salgada.
Lágrima derramada.
Prece soprada na madrugada.

No balanço das ondas nasce uma oração.
Quem tem fé não se perde na escuridão.

O oceano vira caminho.
O oceano vira altar.
Onde o corpo sofre, o espírito aprende a rezar.

Quando o chão do Brasil se revela ao olhar cansado,
o destino já está traçado.

Nas senzalas nasce conselho.
Na estrada nasce proteção.
No cruzeiro das almas firma-se a oração.

Pai Cipriano reza baixo.
Cachimbo aceso.
Olhar profundo.

Sua palavra é remédio.
Seu silêncio é cura.
Seu rosário ilumina o mundo.

Pai Onofre firma o cruzeiro.
Na estrada da vida, guardião verdadeiro.

Flor branca no chão.
Vela acesa na mão.
Quem caminha com fé não anda na escuridão.

Pai Xangozinho levanta o machado.
Justiça firme.
Destino firmado.

No fogo da verdade a dignidade renasce.
Quem cai levanta.
Quem aprende não se desfaz.

Assim a dor vira sabedoria.
Assim a travessia vira memória.
Assim a lágrima vira história.

No terreiro a noite se acende.
Velas brilham.
Ervas fumegam.
Rosas brancas perfumam o chão.

Atabaque chama.
O ponto responde.
E a fé se levanta na palma da mão.

Sentados em seus bancos simples,
os Pretos Velhos aconselham com calma.

África vive.
O mar testemunha.
O Brasil floresce.

E quando o povo chama a força da ancestralidade,
quando a palavra antiga volta a ecoar na cidade,
quando o tambor acorda a verdade...

O grito sobe forte no meio da multidão:

Com fé ninguém se perde.
Com guia ninguém está só.
Com a força dos Pretos Velhos...
COMIGO NINGUÉM PODE!

Saravá, meu Pai Cipriano!
Saravá, meu Pai Onofre!
Saravá, meu Pai Xangozinho!

Bate tambor no congá!
Acende vela no terreiro!
Firma o ponto, minha gente!

Ô gira, gira, gira na fé!
No terreiro tem luz, tem axé!
Quem tem guia não cai no chão...
Comigo Ninguém Pode é proteção!